

Paulo Freire, o educador dos oprimidos: uma vida de luta contra o analfabetismo

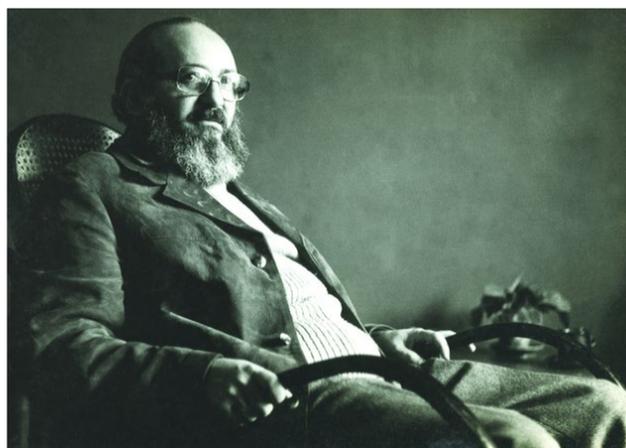
Por séculos, o capitalismo tem se alimentado da exploração e opressão da classe trabalhadora: operários e camponeses. O acesso à educação é apenas um dos direitos básicos que são negados dentro desse sistema de injustiça mundial. De acordo com o 11º Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos, divulgado em 2014 pela Unesco, no mundo todo existem cerca de 743 milhões de analfabetos. Esse número absurdo revela o quanto é atual falarmos de Paulo Freire, mesmo depois de quase duas décadas de sua morte. A luta do saudoso educador brasileiro não morreu. Enquanto houver analfabetos pelo mundo, Freire viverá!

Paulo Freire nasceu em 1921 em Recife (Pernambuco), no nordeste, uma das regiões mais pobres do Brasil. Faleceu em 1997. A vida e a obra do educador não são coisas separadas: escreveu o que viveu. Um dos maiores nomes da educação mundial teve como missão de vida a luta pela libertação dos povos oprimidos através da educação. Para falarmos de sua obra, devemos, antes de mais nada, lembrar um pouco como foi a sua história desde a infância, quando passou a viver e conviver com muitas dificuldades econômicas que marcaram o início de sua vida.

Logo após a morte de Freire, sua esposa Ana Maria Araújo comenta, em uma palestra em Recife, que quando Freire relembra da infância, dizia: “Eu aprendi a ler na sombra da mangueira no quintal de casa, meus pais, sobretudo minha mãe; ela pegava os pequenos gravetos, e escrevia palavras, escrevia frases de minha vida cotidiana, daquilo que eu estava presenciando, que eu estava vivendo”. Dessa maneira, o educador aprendeu, ainda criança, que a vida deve ser tratada na sua concretude, que o ato de educar vem da solidez da própria vida.

Formou-se em Direito, mas nunca exerceu tal profissão. Em vez do espaço do escritório, escolheu a sala de aula como campo de luta pela transformação social. Assim, como professor, em 1963, chefou um programa que alfabetizou 300

trabalhadores do campo em 45 dias, em Angicos (Rio Grande do Norte), no Brasil. Baseado nessa experiência, João Goulart, presidente na época, chamou Freire para organizar uma Campanha Nacional de Alfabetização com o objetivo de alfabetizar 2 milhões de pessoas através dos 20.000 círculos de cultura em todo Brasil. Com o Golpe Militar de 1964, teve seu projeto interrompido. Acusado de subversão, passou 72 dias na prisão e, em seguida, foi expulso do país. No exílio, trabalhou por cinco anos no Instituto Chileno para a Reforma Agrária (ICIRA). Nesse período, escreveu um de seus principais livros: *Pedagogia do Oprimido* (1968).



Freire já inspirou várias gerações de educadores. Na década de 1970, foi consultor do Conselho Mundial das Igrejas (CMI), em Genebra, na Suíça. Nesse período, deu consultoria educacional a governos de países pobres, a maioria no continente africano, que viviam na época um processo de independência. No final de 1971, Freire fez sua primeira visita à Zâmbia e à Tanzânia. Em seguida, passou a ter uma participação mais significativa na educação de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, além de ter influenciado as experiências de Angola e Moçambique. Seu método de alfabetização através das “palavras geradoras”, que

parte da realidade do educando, foi utilizado em muitas partes do mundo, inclusive no Timor-Leste no início do período da resistência. Os estudantes da Casa dos Timores aprenderam sobre Freire em Portugal e, em 1975, sua pedagogia foi adaptada e adotada por um curto período no programa da Frente Revolucionária Timor-Leste Independente (FRETILIN) para alfabetizar o povo Maubere.

Em 1980, depois de 16 anos de exílio, Freire retornou ao Brasil, onde escreveu dois livros fundamentais de sua obra: *Pedagogia da Esperança* (1992) e *À Sombra desta Mangueira* (1995). Ao longo da vida, recebeu centenas de honrarias como reconhecimento pelos trabalhos prestados. O patrono da educação brasileira foi nomeado Doutor Honoris Causa em 41 universidades pelo mundo e teve suas obras traduzidas em mais de 20 idiomas.

A vida de Freire foi lutar pelo direito de todos a uma educação conscientizadora. Condenava a educação burguesa oferecida pela ampla maioria das escolas. Chamava de “educação bancária” o tipo de ensino em que o professor coloca-se como superior e trata seus alunos como verdadeiras “caixas vazias” a serem preenchidas com conteúdos fora de suas realidades. A prática educativa crítica é uma das marcas da educação freireana.

“Educar é um ato político”. Essa é a grande lição que Freire nos deixou. A educação em todos os níveis é um direito de todos e não deve ser privilégio de uma elite. Para o mestre dos oprimidos, alfabetizar é apenas um dos passos para a libertação de uma nação. Por meio de sua pedagogia revolucionária, milhares de pessoas já foram alfabetizadas e outras tantas esperam por sê-lo. Em pleno ano de 2015, a alfabetização, infelizmente, ainda é um desafio, especialmente em países da América Latina, África e em alguns países da Ásia, como Índia, China, Indonésia e Timor-Leste. Nenhum país no mundo pode ser plenamente livre e independente enquanto existem pessoas sem acesso às letras.

por Reinaldo de S. Marchesi
Prof. Mestre em Educação (PQLP/CAPES)

A marca da história no corpo das palavras

Muitas vezes, os estudantes de língua portuguesa têm dificuldade em aprender a ortografia, isto é, a maneira oficial de escrever as palavras. É comum ouvirmos dizer que “o português é uma língua muito difícil” ou que “deveriam simplificar a escrita” por conta da complexidade da ortografia. Essa complexidade, porém, não é gratuita. Muito mais do que representar os sons da fala, a escrita carrega em si a história de uma língua.

As palavras são como o nosso corpo, que nasce com determinadas características, herdadas de nossos pais e, ao longo da vida, vai acumulando uma série de marcas. Algumas delas, como tatuagens e cicatrizes, contam grandes histórias ou possuem fortes significados. Outras, como rugas e manchas de sol, são os sinais que os anos deixam lentamente em nossa pele. Da mesma forma, as palavras têm marcas que refletem sua origem e sua trajetória histórica – as letras e sinais que usamos para escrevê-las.

Na língua portuguesa, há mais de uma letra para representar o mesmo som (por exemplo, “x” ou “ch”; “s” ou “ç”; “g” ou “j”, etc.), assim como há letras mudas (por exemplo, o “h” no início de palavras). Essas e outras questões ortográficas têm a ver com a história de nossa língua, que começa a existir por volta do século XIII. Nessa altura, as principais influências eram o latim (base linguística), além de línguas germânicas e do árabe. Depois disso, ao longo dos séculos, somaram-se muitos outros contatos linguísticos, até chegar ao estágio atual da língua – que continua em constante renovação.

A origem latina do português explica a base de sua escrita alfabética, e também algumas curiosidades da sua ortografia. A letra “h”, por exemplo,

que não tem som em português, é usada no início de palavras que, no latim, tinham um som aspirado (similar ao som do “h” na língua tétum) – é o caso da palavra *homem*, que vem do latim *hominem*. O mesmo vale para palavras do grego que tinham esse som e foram adaptadas para a grafia latina, como *hippos* (em grego clássico, ἵππος), que significa “cavalo” e deu origem a palavras como *hipódromo* (local para corrida de cavalos).

Outro caso interessante é o da letra “j”, a última letra a entrar no alfabeto latino. As palavras portuguesas escritas com “j” são, em geral, evoluções de palavras que tinham som de “i” no latim ou nas línguas germânicas. Exemplos são as palavras *jogo*, que vem do latim *iocus*, Janeiro, do latim *Januarius*, e mesmo o nome de Jesus, que tem sua origem no hebraico *Yeshua*.

Mesmo as palavras mais “jovens”, incorporadas há pouco tempo à língua portuguesa, também

carregam a marca de suas origens na grafia. O novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde 2009, acrescenta as letras “k”, “w” e “y” ao alfabeto português. Isso foi necessário porque, atualmente, são muitas as palavras oriundas de outras línguas (principalmente do inglês) e amplamente utilizadas no português, como por exemplo *kit* ou *show*, além de abreviaturas como kg (quilograma) e palavras derivadas de nomes próprios como *darwinismo* (relativo a Charles Darwin, criador da teoria da evolução das espécies).

Estudar a ortografia, portanto, pode ser muito mais interessante do que simplesmente decorar em que contextos devemos usar determinada letra ou sinal gráfico. A forma de escrever as palavras revela muito sobre a formação e a evolução de uma língua. Assim, as questões de ortografia do português não devem ser vistas como um assunto “difícil”, mas sim como um aspecto encantador de nossa língua, pois refletem a riqueza de uma bela história de muitos séculos.

por Vinian Borges Paixão
Prof. Mestre em Letras Vernáculas (PQLP/CAPES)